

Viagem, Guerra e Consolidação Nacional: as *Reminiscências* do “Perito” Moreno

Javier Uriarte *

Resumo: A viagem narrada em *Viaje a la Patagonia Austral* (1879), de Francisco Pascasio Moreno (1852 – 1919), aconteceu nos anos 1875-1876, a data de publicação é importante, porque no mesmo ano o governo argentino organizou a exitosa e igualmente terrível “Conquista del Desierto”, expressão eufemística que tenta esconder o único propósito do projeto: o extermínio das populações indígenas das regiões patagônicas. Embora Moreno não tenha participado formalmente do massacre, ele faz parte de tal projeto oficial de conquista e apropriação do território e seus habitantes. Sua presença na Patagônia é anterior e contemporânea à guerra concreta. Há um certo paralelismo entre o seu discurso e o projeto nacional que ele acompanha. *Viaje a la Patagonia Austral* não é, porém, o texto onde é possível notar a presença da guerra com maior clareza. A guerra é aqui como um fantasma inquietante que se pode perceber no futuro, porque os indígenas vivos que Moreno encontra são concebidos como destinados ao museu, já extintos, como seres do passado, anacrônicos, cuja desaparecimento é inevitável. Porém, nas *Reminiscencias del Perito Moreno*, conjunto de textos de e sobre Moreno publicados postumamente em 1942, as cartas e relatos que foram aí incluídos apresentam cenários de guerra aberta, nos quais o diálogo e a identificação entre a guerra, o Estado em processo de consolidação e a viagem se torna explícito, e adota diferentes formas, sobretudo porque o

* Javier Uriarte é Licenciado em Letras pela Universidad de la República, Uruguai. Neste momento, está terminando seu doutorado na New York University, Estados Unidos. Sua tese de doutorado estuda as relações entre literatura de viagem, guerra e Estado na segunda metade do século dezanove na América do Sul. Ele estudou também na Royal Holloway, University of London, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e na Université de Paris VIII, e foi professor em diferentes níveis no Uruguai, na Espanha e nos Estados Unidos. Deu palestras em congressos no Uruguai, na Argentina e nos Estados Unidos. Publicou artigos em duas coleções de ensaios no Uruguai: “Las fechas y la invención del sistema simbólico nacional en América Latina” (em *Derechos de memoria*, coordenado por Hugo Achugar) e “Nomadismo y configuración identitaria en *The Purple Land*” (em *William Henry Hudson y “La tierra purpúrea”*, coordenado por Beatriz Vegh e Jean-Philippe Barnabé). Seu artigo “Tyranny and Foundation: Appropriations of the Hero and Re-readings of the Nation in Augusto Roa Bastos and Jean-Claude Fignolé” (em *The Role of Postmodernism in Latin America: The Life and Works of Augusto Roa Bastos*, editado por Helene Welt-Basson), será publicado em 2010 nos Estados Unidos.

livro é um conjunto heterogêneo de textos que não foram reunidos pelo próprio Moreno, mas por seu filho.

Palavras-chave: Guerra. Viagem. Extermínio Indígena. Museu. Patagônia. Violência Estatal.

Abstract: The travelogue *Viaje a la Patagonia Austral* (1879), by Francisco Pascasio Moreno (1852-1919), narrates an exploration trip which took place in 1875-76. This publication date is important, since that same year the Argentinian government launched its successful and equally infamous “Conquista del desierto” (Conquest of the Desert), euphemism which tried to hide what was really a war of extermination systematically waged against the indigenous population of the Patagonian regions. While Moreno did not participate formally in this war, he is part of the same official project of conquest and appropriation of these territories and their inhabitants. His presence in Patagonia is previous and contemporaneous to the actual war. There is a certain equivalence between his discourse and the national project he accompanies. *Viaje a la Patagonia Austral* is not, however, the text in which the presence of war can be most clearly noticed. In this book, war is a haunting ghost that can be perceived in the immediate horizon, since the indigenous persons that Moreno encounters are conceived as museum pieces, as part of already extinguished peoples, as belonging to the past, anachronisms whose disappearance cannot be avoided. However, it is in the *Reminiscencias del Perito Moreno*, an heterogeneous group of texts published posthumously in 1942, where open war is represented. Here, the dialogue between the latter, travel and the State becomes explicit and adopts different forms due to the profound heterogeneity of the texts that compose the book, and which were not selected by Moreno himself, but by his son.

Keywords: War. Travel. Extermination of Indigenous Peoples. Museum. Patagonia. State-sponsored Violence.

Francisco Pascasio Moreno (1852-1919) é ainda considerado, oficialmente, o “descubridor”, das regiões patagônicas do sul da Argentina. Ao longo de seu livro *Viaje a la Patagonia Austral* (1879), seu discurso procura apropriar-se do espaço descrito, e de seus habitantes, em representação do Estado argentino. Nesses anos, ele tenta concluir o processo de consolidação de seu aparelho institucional. Um dos principais propósitos das viagens de Moreno à Patagônia é o estabelecimento de

fronteiras claras que pudessem dar uma solução aos conflitos com o Chile. Esta é outra das razões pelas quais o “Perito” Moreno (como é conhecido o autor na Argentina) foi considerado por alguns um verdadeiro herói da nação. A viagem narrada no livro de 1879 aconteceu nos anos 1875-1876, mas a data de publicação é importante, porque no mesmo ano o governo argentino organizou a exitosa e igualmente terrível “Conquista del Desierto”, expressão eufemística que tenta esconder (embora naquele tempo não fosse uma vergonha) o único propósito do projeto: “o extermínio das populações indígenas das regiões patagônicas”.

Embora Moreno não tenha participado formalmente no massacre, ele faz parte do mesmo projeto oficial de conquista e apropriação do território e seus habitantes. Sua presença na Patagônia é anterior e contemporânea à guerra concreta. Há um certo paralelismo entre o seu discurso e o projeto nacional que ele acompanha. *Viaje a la Patagonia Austral* não é, porém, o texto onde é possível notar a presença da guerra com maior clareza. A guerra é aqui como um fantasma inquietante que se aproxima, porque os indígenas vivos que Moreno encontra são concebidos como destinados ao museu. Isto é, estão vivos mas o viajante acha mais importante a recolha dos ossos dos mortos que irão ao museu do que a realidade da vida deles. Num certo sentido, a morte tem mais força de realidade do que a vida. Porém, nas *Reminiscencias del Perito Moreno*, conjunto de textos de e sobre Moreno, publicados postumamente em 1942, as cartas e relatos que foram incluídos apresentam cenários de guerra aberta, nos quais o diálogo e a identificação entre o Estado em processo de consolidação e a viagem adotam diferentes formas, sobretudo porque o livro é um conjunto heterogêneo de textos (por exemplo, alguns encontram-se perto das memórias), que não foram reunidos pelo próprio Moreno, mas por seu filho. Na verdade, enquanto tento estudar o olhar do viajante frente à guerra no momento de consolidação do Estado moderno, não posso deixar de pensar no próprio livro como objeto, como materialidade, e no projeto que acompanha a edição das viagens de Moreno que utilizei neste trabalho.¹

¹ As duas edições argentinas mais recentes da obra de Moreno, da Editora Elefante Blanco, exprimem

Moreno e o processo de consolidação do Estado Moderno

O processo de modernização na Argentina começa com força após a queda do governo de Juan Manuel de Rosas em 1852, “con ese momento inaugural que es [la batalla de] Caseros”, como diz Halperín Donghi (1995, p. 99), e é objeto de muitos debates durante anos. Se o país que existe perto do ano 1880 já iniciou um caminho de modernização muito decisivo que vai só se aprofundar nos anos que se seguem, também é verdade que através das tentativas de construção da nação se chegou na verdade à forte configuração do aparelho do Estado (DONGHI, 1995, p. 106). “À nação pelo Estado”, poderia ser, quiçá, o *slogan* que resumisse o caminho escolhido pelas elites na Argentina para percorrer o processo

uma série de elogios à personalidade do escritor que resulta decerto estranha. Assim, os livros (e por isso é que eu insisto aqui na própria materialidade deles, na sua condição de objeto, dado que discuto nesta nota operações que produzem-se nos paratextos) colocam a figura de Moreno (mais do que os seus escritos) no marco de um discurso patriótico centrado nos ganhos territoriais que o país obteve graças aos seus serviços. Esse olhar salienta, sobretudo a figura histórica e a personalidade do viajante. Tanto em *Viaje a la Patagonia Austral* quanto em *Reminiscencias del Perito Moreno* essas características percebem-se na contracapa em termos muito parecidos. Porém, o primeiro livro define a viagem de Moreno, numa expressão quase contraditória, como “una verdadera epopeya pacífica”, enquanto isso não seria possível no segundo livro, onde a presença da guerra nos textos de Moreno é inegável, como procuro mostrar nestas paginas. Na última oração da breve, mas estrondosa louvação, o impulso patriótico vira imperativo: as virtudes de Moreno devem ser, senão imitadas, pelo menos conhecidas pelas novas gerações. Na contracapa das *Reminiscencias*, onde emprega-se o mesmo tom pseudo-didático, há também uma referência à “memoria de las generaciones actuales”. Moreno é definido, decididamente num plano moral, como “una figura que debe mantenerse siempre fresca para quienes conservan aún vigentes valores que parecerían perdidos u olvidados en estos tiempos difíciles”. Além da adoção da referência oportunista aos “tempos difíceis” (frase que parece funcionar em todos os discursos políticos, como o é este aqui), quiçá a oração seja uma alusão aos conflitos limítrofes entre a Argentina e o Chile, que voltaram a ocorrer quase contemporaneamente à publicação desses textos. Entre os críticos que têm se ocupado de Moreno, só Sylvia Molloy falou das contracapas desses livros, do contexto político no qual eles foram publicados e do conteúdo ideológico daquelas. Porém, Molloy evita ser explícita e refere-se ao “oportunismo estratégico de esta reedición, publicada en 1997 cuando la Patagonia, una vez más, es objeto de «la curiosidad y la codicia» extranjeras (p. 145). Como é sabido, a contracapa talvez seja o paratexto que (junto com a capa) dirige-se mais diretamente ao leitor-comprador. É o lugar onde as estratégias de venda aplicam-se e desenvolvem-se mais. Enquanto a construção da capa baseia-se no título e na imagem (e na relação entre elas), na contracapa a escrita é quase o único elemento presente. Ali se faz, geralmente, o resumo da obra. Trata-se, então, de um segundo passo, uma vez que a capa atraiu a atenção do leitor, e do passo anterior à compra. O fato da conexão entre autor e “Pátria” ficar neste espaço, no qual o livro tenta ser vendido, merece ser sublinhado, porque reduz a viagem ao discurso patriótico e a certos interesses ainda mais imediatos, através dos quais se procura convencer o possível leitor. A informação oferecida na contracapa tenta, nesses livros, estabelecer uma relação de causalidade entre a viagem e o sentimento patriótico. Embora o impulso que torna possível a viagem provém desse sentimento, o patriotismo é simultaneamente alimentado pela experiência da viagem; é a sua causa e consequência ao mesmo tempo. Quando viaja, Moreno “cria” o Estado-nação, mas é moldado também por ele. E, claro, é “criado” como herói pela nação que ele contribui a criar. Trata-se, em vários sentidos, duma operação dual sobre a tentativa de gerar ou dar forma a alguma coisa ou pessoa.

de modernização. Trata-se do caminho que foi comum, na análise (um pouco exagerada, talvez) de Chasteen (2003, p. xviii), a todos os países latinoamericanos:

Latin Americanists have tended to emphasize the importance of state consolidation as a precondition for inculcating a widely shared vision of national identity. Many would go so far as to say that «true nationalism» is a twentieth-century phenomenon in Latin America.

Nos anos em que Moreno viaja à Patagônia, um dos principais problemas que discutem as elites políticas e econômicas têm a ver com as regiões chamadas de fronteiras (que não devem se confundir com as fronteiras políticas entre os diferentes Estados nacionais) e com a necessidade de povoá-las e tirá-las assim do domínio dos indígenas. Como explica Halperín Donghi (1995, p. 100),

en 1879 fue conquistado el territorio indio: esa presencia que había acompañado la entera historia española e independiente de las comarcas platenses se desvanecía por fin. Al año siguiente el conquistador del desierto era presidente de la nación.

Halperín Donghi refere-se aqui a Julio Argentino Roca, que foi presidente da Argentina pela primeira vez entre os anos 1880 e 1886. Seu triunfo contra os indígenas foi, para Halperín, “el del Estado central” (DONGHI, 1995, p. 100). A guerra de extermínio ocorreu durante o seu governo e o de Nicolás Avellaneda (1875-1880), que sucedeu a Sarmiento (1868-874). O Estado central, cuja construção é consolidada com a vitória de Roca, e cujos interesses coincidem com os dos “sectores que dominan la economía argentina y sacan mayor ventaja de sus progresos” (DONGHI, 1995, p. 100), vai entrar nesses anos na definitiva via de modernização. O lema “paz y administración” caracterizou os anos que viriam, e para realizá-lo eficientemente o governo procurou criar um exército moderno, estimular mais ainda o desenvolvimento das ferrovias e o telégrafo, vencer o “espírito de

montonera” e popular os territórios que tinham sido incorporados durante a “Campanha do Deserto”. O papel do Estado devia ser, para Roca, “ofrecer «garantías a la vida y la propiedad»” (p. 100).

Nicolás Avellaneda escreveu, em 1875, que “la cuestión *fronteras* es la primera cuestión de todos” e que “suprimir a los indios y las fronteras no implica en otros términos sino poblar el desierto” (HALPERÍN DONGHI; 1995, p. 499, o grifo é do autor).² No artigo “Civilization and Barbarism: Cattle Frontiers in Latin America”, Silvio R. Duncan Baretta e John Markoff discutem o conceito de “fronteira” no sentido do interior do país. Para eles, a fronteira interior (no sentido da palavra *frontier* do inglês) é o espaço onde “no one has an enduring monopoly on violence” (BARETTA & MARKOFF, 2006, p. 35). A fronteira, então, poderia definir-se neste sentido como “boundaries beyond the sphere of the routine action of centrally located violence-producing enterprises” (BARETTA & MARKOFF, 2006, p. 36). Essas definições ajudam a compreender a necessidade que tem o discurso oficial de fazer desaparecer esse espaço, que escapa ao seu poder. Se o poder do Estado baseia-se na sua capacidade exclusiva de empregar com legitimidade a violência, é claro que o espaço da fronteira não se encontra na órbita de seu poder. O tipo de sociabilidade que é comum ali percebe a violência como uma presença cotidiana e necessária, que circula em diferentes direções e que pode ser interpretada de variadas formas e ser empregada por muitos agentes. Trata-se de zonas nas quais a violência, a propriedade, a relação com a terra, ou a própria identidade racial ou nacional assumem uma fluência e uma instabilidade que resultam inquietantes desde a perspectiva do centro. São regiões onde o movimento e o variável triunfam sobre as tentativas de impor

² A seguinte citação pode mostrar os eixos que dariam impulso a esses planos: “He ahí la síntesis de nuestra política económica, en la que figuran como elementos el inmigrante, las fuerzas vivas que la nación aplica por medio del trabajo a la producción, el desenvolvimiento de las industrias rurales, el movimiento expansivo de la población, sin que quede por esto excluida la espada del soldado que abre y allana los caminos, que resguarda y defiende la frontera civilizada” (p. 500). Acho interessante sublinhar duas coisas nessas palavras. Primeiro, que o problema da fronteira é um problema principalmente econômico. E, também, que a maneira de resolvê-lo não exigia, pelo menos explicitamente, a guerra total, e ainda menos a procura do extermínio absoluto com ela. Na citação é possível perceber também uma fé importante nas possibilidades ilimitadas do progresso para mudar tudo de um jeito quase natural e inevitável, uma posição que ia desaparecer claramente depois (como ocorreu no Brasil dos primeiros anos do século XX).

um poder central único, um espaço onde existe “a frequent transition from settled to nomadic life”, “[a] movement between nomadism and permanent geographical stability” (BARETTA & MARKOFF, 2006, p. 47). O trânsito entre o trabalho fixo na fazenda e o trabalho temporário era freqüente, dado que as próprias políticas de controle impostas pelo Estado ausente (como o recrutamento) impediam às vezes a continuidade e estimulavam a fuga e a ilegalidade.

Neste sentido, o interesse excepcional que tem Moreno é que seus textos devem ser lidos *entre* essa fronteira interna ao próprio Estado, que acabamos de expor, e a fronteira exterior, política, internacional, que é na verdade a razão e o objetivo de muitas de suas viagens. Esse é o espaço no qual desloca-se e escreve Perito, e é também o espaço que lhe outorga esse nome. Entre o interior e o exterior, mas também entre a fronteira política e a fronteira simbólica, é onde sua escrita mora. A instabilidade da fronteira é um dos maiores problemas para o Estado, ao dizer de Fernández Bravo (1999, p. 57):

[...] la hibridación aparece como uno de los mayores peligros de la frontera a los ojos del Estado: su capacidad de cooptar a los disidentes, refugiar a quienes resisten la razón del estado [...], las alianzas posibles entre distintos grupos étnicos locales o incluso las alianzas potenciales con otros poderes políticos “extranjeros”.

Nestas páginas, procuro explorar as estratégias de apropriação e fixação de identidades e espaços que atravessam o livro *Reminiscencias del Perito Moreno*. Penso esses problemas no contexto da consolidação do Estado moderno na Argentina que, como vimos, tem na guerra o seu instrumento principal de ação. Já que Moreno considera-se em seus textos como um verdadeiro *pioneer* (o papel que lhe foi outorgado também pelo próprio Estado³) é interessante se perguntar, dado o

³ Bartolomé Mitre, uma das figuras mais importantes no debate posterior a 1852, e presidente da Nação (1862-1868), recomendou Francisco Moreno numa carta datada em 1875 (mas publicada em 1879), quando ele procurava conseguir o apoio da Sociedad Científica Argentina para sua via viagem. A carta (alguns de cujos fragmentos aparecem como nota nas *Reminiscencias*) exprime o interesse do discurso oficial pelo museu (“su obra mejor es un museo antropológico, arqueológico, paleontológico que ha formado en su casa, con objetos reunidos por él, entre los cuales se cuentan más de 400 cráneos de razas indígenas, que es, sin duda, la colección craneológica americana más

caráter pessoal de suas viagens, e a solidão com a qual ele percorre os territórios patagônicos, como seus textos *imaginam* o Estado ao longo do deslocamento, como o representam no texto. Como é pensada a relação entre Estado e território quando o Estado não existe ali? Como se faz visível ou concebível o poder central? Quais são as *marcas* de sua presença que vão ficar ali após a passagem do viajante? Nestas páginas, tentarei ensaiar respostas às perguntas pensando a relação entre o Estado, a violência que o funda, e o deslocamento ao longo do território como mais um elemento fundacional.

O discurso científico, cuja presença no primeiro livro de Moreno é importantíssima e que Moreno tenta identificar com o nacional,⁴ explica muitas das estratégias e parte do estilo desse livro. Esse aspecto do livro tem relação direta com a imagem de Moreno (construída por ele próprio) como um *coleccionador*, um elemento que vai moldar o olhar do viajante, o qual terá como preocupação principal a apropriação de objetos para sua conservação, descrição e exibição. Por isto é importante se lembrar de que Moreno foi o responsável pela fundação do *Museo de La Plata*, do qual foi o diretor entre 1886 e 1905.⁵

A viagem em perspectiva

Nas *Reminiscências*, a narração das viagens é feita desde outro contexto, às vezes já na segunda década do século XX. Estes textos afastam-se um pouco do discurso científico e adotam um ar de memória,

vasta que exista”) (MORENO, 1997, p. 21), assim como pela coragem, e “la pasión de los viajes”, que permitiriam Moreno (e o próprio Estado, claro está) “explorar regiones desconocidas” (p. 21).

⁴ Vale a pena recordar, neste ponto, a introdução ao livro, onde o autor explica que a viagem foi feita “en provecho de la patria y de la ciencia” (MORENO, 1997, p. 7). A expressão ilustra a conexão entre as duas no final do século XIX na América Latina, quando o positivismo (e a sua obsessão com a idéia do progresso) fazia parte da ideologia que dirigia os processos de consolidação dos Estados nacionais. O caso brasileiro (basta ler a famosa frase na bandeira) é exemplar neste sentido.

⁵ Essa instituição representa a obsessão do Estado pelo controle absoluto do espaço e dos sujeitos. O Estado tenta ver e se apropriar de tudo com a intenção de construir uma totalidade “legível”. Em *Seeking Like a State*, James C. Scott procura analisar o olhar ordenador e simplificador do Estado moderno (os casos que ele escolhe para estudar ocorrem já no século XX) sobre a natureza. Essa vai se transformar de acordo com uma concepção utilitarista e maximizadora dos benefícios que vai procurar tirar proveito dela e aumentar a sua produtividade. Neste artigo, vai me interessar o olhar do Estado que tenta “ordenar” o território e sua população com a intenção de torná-los “legíveis” (o termo, que julgo interessantíssimo, é do próprio Scott) para o poder central. Então, isso vai lhe permitir impor sobre eles suas políticas territoriais e de impostos (como aconteceu em Canudos, as políticas de taxas do Estado mostram a necessidade de apropriar e “ordenar” o território).

como o título (não escolhido por Moreno, mas adequado neste aspecto) sugere. Embora já sem o desejo de classificação e o uso dos termos da ciência, nelas ficam ainda algumas idéias que têm relações com o museu, e com sua função como parte do Estado moderno. Nesse olhar para o seu próprio passado, o museu aparece como a sua grande contribuição à formação nacional. O discurso da modernidade, da viagem e do museu aparecem dessa maneira interligados. Mas é interessante não esquecer neste caso a presença da memória.

Como escrever sobre a própria viagem trinta anos depois? Como tenho dito, alguns dos textos que foram incluídos nas *Reminiscencias del Perito Moreno* foram escritos já na década de 1910. Neles, Moreno lembra-se das viagens à Patagônia posteriores à primeira. As viagens narradas aqui realizaram-se nos anos 1879-1880, ou seja, nos mesmos anos que o Estado realizou a guerra de extermínio da qual falamos acima. Se é verdade que a literatura de viagem é também sempre uma forma de escrever sobre si próprio,⁶ fazê-lo após um tempo mais longo (embora a narração de uma viagem seja sempre um fato *a posteriori*, geralmente o período entre os acontecimentos narrados e a escrita – ou a publicação – não é grande demais) torna ainda mais visível esse aspecto, até o ponto que Moreno afirma que “No es mi intención hacer aqui un relato de viaje” (MORENO, 1997, p. 34). A escrita torna-se quase totalmente uma escrita do “eu” que modela uma e outra vez a figura do narrador perante o leitor.

É claro, assim, que os textos compilados nas *Reminiscências* permitem voltar a pensar nos efeitos da memória e da escrita sobre a experiência da viagem. Com certeza, as relações entre a viagem e a lembrança, entre a viagem e a escrita, não são as mesmas nesses textos e no *Viaje a la Patagonia Austral*, publicado quatro anos após a viagem. Assim, sugiro ler estes textos levando em conta a perspectiva que

⁶ O relato de viagem é sempre, convém não esquecer-lo, uma forma da lembrança e da escrita de si próprio. Até o diário de viagem é uma criação; é uma tentativa de representar a viagem de uma forma quase contemporânea; mas o movimento, o deslocamento, que é na verdade aquilo que constitui a viagem, fica sempre além da narração. O relato de viagem é sempre um texto mediado e direcionado a um leitor preciso, criado ou imaginado pelo texto. A escrita da viagem torna o texto uma experiência compartilhada, feita com e para outrem: a solidão do viajante vira então um impossível.

outorgam o tempo e o projeto que o autor poderia ter para construir um certo “eu” desde sua velhice. Quiçá um dos elementos que modelam esse desejo de autoconstrução seja a relação ambígua que Moreno teve com o Estado, o qual às vezes representou, mas com o qual teve também momentos de conflito por não ter se sentido reconhecido.

A perspectiva adotada por Moreno nesta compilação permite-lhe escrever empregando uma retórica substitutiva diferente daquela empregada em seu primeiro livro, onde a retórica era a do desejo da nação consolidada, uma retórica inaugural baseada num olhar projetado sempre para o futuro; tratava-se sempre, porém, de uma inauguração que existia só no discurso, era apenas a expressão de um desejo. Nas *Reminiscências*, Moreno (1997) escreve desde uma perspectiva que concebe a paisagem em termos da substituição de um elemento por outro. Quando ele se refere àquilo que existia no momento da sua passagem por um certo território, logo depois menciona, com frequência, o que há ali no momento da escrita. Isto tem a ver com a concepção da natureza como potencialidade pura que pode se perceber em alguns dos textos. Quando Moreno viaja ao lago Nahuel Huapi, na altura do Rio Negro e perto de onde hoje fica a cidade de San Carlos de Bariloche, as terras são descritas desde um olhar de futuro, que vê nelas aquilo que existirá ali enquanto as esvazia no presente; ou melhor, ao tempo que *não as olha*. Parece impossível, para ele, avaliar a beleza do território sem pensar no futuro. A paisagem não pode ser apreciada se não é transformada; a contemplação inclui o desejo *de não ver* o que o viajante está vendo. Nas palavras de John C. Scott, quando ele refere-se à mudança na terminologia que exige o olhar transformador do Estado, “utilitarian discourse replaces the term «nature» with the term «natural resources», focusing on those aspects of nature that can be appropriated for human use” (SCOTT, 1998, p. 13). Trata-se de um olhar que transforma aquilo que percebe de acordo com o desejo, com a projeção dos benefícios futuros (quase sempre – embora não sempre – materiais, econômicos) que podem ser extraídos dali. A

institucionalidade é o que permite a exploração da região, enquanto o desejo funciona a partir de uma forte lógica de substituição:

Ansío para esos lugares, una escuela donde se aprenda a aprovecharlos, levantada quizá en el mismo sitio donde en la vieja modorra de hace muchos años, vegetaba aquel robusto algarrobo, el “Walichu”, que vi coloreado todo con jirones de ponchos y otros objetos colgados en sus ramas por los indios [...] El ferrocarril y los automóviles han borrado los rastros del saqueo y del degüello (MORENO, 1997, p. 27-28).

Neste trecho, atravessado pelo desejo “civilizador”, pode-se perceber uma substituição quase gramatical. O apagamento é programático, e há nele uma correspondência exata: as ferrovias e os carros no lugar do saque e da degola. O mesmo paralelo antitético e substitutivo aparece em outro momento: “la senda por donde la civilización llegara a los Andes y reemplazara al indio holgazán por el hombre de trabajo” (MORENO, 1997, p. 23). A oposição clara entre a expressão “de trabajo” e “holgazán” [preguiçoso] estende-se de forma considerável e opõem-se também os substantivos correspondentes: o trabalho implica, para o dizer de alguma maneira, o maior grau de “humanidade” do sujeito. Mais adiante no mesmo livro, o viajante reflete sobre a beleza que outorga à paisagem a presença humana: “Los espectáculos de la naturaleza sin la presencia del hombre no son completos” (MORENO, 1997, p. 134). Parece existir aqui uma rejeição implícita da paisagem natural, da paisagem entendida como uma coisa que pode simplesmente se contemplar; o texto defende uma lógica que precisa visualizar o trabalho e a produção, que prefere a transformação e a domesticação da paisagem à sua existência independente ou selvagem, a qual é vista como uma carência, como um estado de incompletude que parece chamar o homem.

Porém, esta estratégia retórica não mantém sempre, nas *Reminiscências*, o tom de esperança e otimismo que percorre *Viaje a la Patagonia Austral*. Embora existam algumas passagens nas quais o tom

de celebração seja evidente, muitas menções à situação da Patagônia no século XIX permitem perceber decepção, desalento, frustração. O olhar que avalia é ambivalente: ao mesmo tempo em que o argentino parece ser considerado o modelo mais exitoso de modernização, parece certo também para o narrador que a Patagônia não tem ainda ingressado nesse modelo e, portanto, o contradiz abertamente.

Essa revisão da própria viagem (e também do projeto modernizador do Estado) desde a perspectiva dos resultados é importante, principalmente porque para Moreno a viagem não tem realmente um valor intrínseco; é só um meio para alcançar um fim que fica além do próprio trânsito e que o justifica. O olhar desde as consequências, num prazo médio, permite a incorporação do que poderíamos chamar de retórica do fim. No primeiro livro, existe uma tendência ao estabelecimento de começos que faz com que o “eu” viajante se auto-construa como o *Pioneer*, por excelência, que segue o percurso dos viajantes anteriores (Darwin, Fitzroy) os quais louva só para os corrigir e superar. Se bem que o Moreno da *Viagem* seja um iniciador, um descobridor absoluto (sempre com uma perspectiva que ignora e apaga os saberes do outro que já mora ali e que conhece os territórios teoricamente novos), as *Reminiscências* são num sentido a narração de um final, ou quiçá de vários.

Com certeza, a sombra iniludível que percorre todos os episódios narrados nestas viagens e que torna possível o emprego desta linguagem é a do extermínio dos indígenas, que é contemporâneo não à publicação do texto (isto acontece com a *Viagem*), mas à viagem mesma, que se realizou em 1880. Aqui os encontros com os indígenas são com frequência a *prolepsis* de uma desapareição iminente. No momento da escrita, o extermínio já é uma realidade que influi na linguagem. Quando se refere ao objetivo da viagem, o narrador afirma que além de estudar o território e chegar até o Chile (o que quiçá tivesse maior importância estratégica desde o ponto de vista oficial) procura também “ver al indígena en su medio, lejos de la civilización, y vivir en el toldo para recoger entre *aquellas*

tribus próximas a desaparecer, documentos que sólo conocía de oídas y que no me bastaban para mis propósitos” (MORENO, 2003, p. 33-34, o grifo é meu). A distância da escrita com relação ao presente está implícita no adjetivo “aquellas”, explica-se nas palavras que a acompanham. A desapareição das tribos indígenas permite a Moreno mudar sua perspectiva e começar a nomear, até a hipérbole, outras coisas como “ultimas”: “Vi allí la última máscara de madera que se haya usado en festejos indígenas en esas regiones, objeto etnográfico de la más alta importancia” (MORENO, 2003, p. 37). Em qual sentido esta máscara é “última”? Mesmo se Moreno não estivesse falando de uma máscara única, senão de um tipo de máscara, o tom da frase, sua contundência, transmitem a idéia de que se trata realmente de um objeto específico e único. A retórica do fim é o que permite que o objeto seja descrito como “objeto etnográfico”. Além disso, a distância no tempo é já em grande medida “museificante”: aquilo que o viajante descreve, e que possui um uso e uma função concretos não pode ser concebido mais do que como peça de museu. Neste tipo de passagem, é possível perceber o trânsito entre dois olhares, tal qual se refere Molloy (2005, p. 147), a “doble vocación de Moreno, arqueólogo y a la vez antropólogo”, e a correspondente “confusión entre sujetos vivos y objetos de exhibición” (MOLLOY, 2005, p. 148).⁷ Mais adiante, no momento de deixar uma população indígena, o narrador diz, com evidente perspectiva histórica: “perdimos de

⁷ Essa confusão acha seu maior exemplo na exposição de índios vivos no museu. Há uma identificação sutil, quase imperceptível, entre o objeto arqueológico achado - e que pode ser exposto -, e o ser vivo que faz parte da exibição do museu com a desculpa de sua preservação. Além do trabalho como peão na fazenda (quase o único possível para o indígena, como veremos depois), outra possível forma de inclusão como força de trabalho na nação moderna poderia ser o museu, que acaso fosse o lugar “natural” dele segundo a lógica de Moreno. Numa carta de 1886, recolhida também nas *Reminiscências*, Moreno exprime o seguinte: “He obtenido del Ministro de Guerra, que permita que ese Cacique [Foyel], y sus familias comprendiendo sus hermanos y lenguaraces, en todo quince personas, vengan a vivir conmigo a este Museo, mientras no se les envíe a sus campos” (261-262). Moreno realmente enviou alguém a procurá-los, como expressa numa carta do mesmo dia: “envío al portador de ésta Sr. Telémaco Arvelli empleado de este Museo, que empleará el tiempo, que Ud. juzgue conveniente para hacer entrega de dichos indios [...] en coleccionar objetos de historia natural en aquellos alrededores” (263). A viagem de Arvelli traria assim um benefício duplo para a coleção do museu: ele iria não só procurar exemplares de indígenas vivos para “preservá-los”, mas também enquanto espera por eles pode procurar (outros) elementos de “história natural” para a coleção. Mais uma vez, o texto realiza uma sutil identificação entre os diferentes elementos que o enviado vai recolher, e fossiliza assim o indígena: é uma forma do que Jens Andermann chamou “paleontologización del Otro” (125).

vista el aduar del buen Pitchualao, casi convencidos de que éramos los últimos viajeros que veían a los gennakenes, llevando su vida nómade” (MOLLOY, 2005, p. 152). A certeza de sua morte é, também, a certeza da guerra.

Viagem e guerra

Há outras referências à guerra contra os indígenas, sobre a qual Moreno situa-se numa posição ambígua, embora sua crítica pareça provir da própria frustração ante a ausência de reconhecimento por parte do Estado. As *Reminiscências* vão colocar a guerra como um dos eixos da narração. Se na *Viagem* a guerra é uma certeza anunciada, dado que as viagens relatadas acontecem antes do começo definitivo e sistemático da guerra, no segundo livro, como temos dito, incluem-se as viagens que Moreno realizou durante a guerra. Assim, o conflito e a violência tornam-se uma presença total, à qual não é possível escapar, e o viajante vai adotando posições quase sem o saber, e fica no meio do conflito mesmo sem ter a intenção explícita de fazê-lo. Por exemplo, ao discutir com os indígenas, chega a dizer-lhes a crua verdade com violência: “Uds, son enemigos ahora” (189), e enquanto está com eles conhecem-se as notícias do deslocamento do exército: “Esa noche llegó aviso de que la división del Coronel Ortega se preparaba a invadir” (190). O momento mais claro neste sentido é quando Moreno é capturado pelos índios. Não há dúvida: ele é um prisioneiro de guerra, e por isso esses vão tentar trocá-lo por prisioneiros do governo. Embora não haja qualquer reflexão sobre este ponto, fica sempre claro que os territórios que o viajante percorre fazem parte do cenário da guerra, e ele encontra-se dentro de um dos dois bandos.

Além dessas afirmações há elementos exteriores, como as roupas, que tornam evidente o lugar do viajante-sargento: “El uniforme de Sargento Mayor que vestía, recordábales combates en que más de un «peñi» (hermano) había caído” (181). No meio de uma quase total ausência de referências sobre o próprio corpo, sobre a aparência física

do viajante, uma das coisas que se distingue é a vestimenta, que como signo o coloca no exército, outorga-lhe um lugar em sua hierarquia, e faz os índios se lembrarem do fato que ele é na verdade o inimigo, e se afastarem dele. Moreno não é só um enviado do Estado; ele é parte de um projeto bélico. Como ele próprio expressa numa carta publicada no jornal *La Nación*, em 1879, durante a guerra de extermínio, e recolhida como um dos apêndices nas *Reminiscências*: “vestíamos el uniforme de ese ejército y éramos los primeros blancos que, desde el Atlántico, llegaron hasta las altas cordilleras, para revelar sus riquezas e indicar con la brújula el camino que más tarde seguirían las armas argentinas” (MORENO, 1997, p. 259). No momento do conflito, que tinha um grande apoio popular e oficial, o papel do viajante (que faz público seu apoio ao projeto) se reduz quase a procurar o caminho que vai permitir a passagem do exército, que é anunciado através do uniforme. A citação parece estabelecer um diálogo de complementação entre a bússola e as armas, que através da sinédoque representariam respectivamente a expedição de Moreno e o exército, ou seja, a ciência e a guerra (ou, como no prefácio referido acima, a ciência e a pátria, dada a identificação entre esta última e a guerra nesses anos).

Uma carta do Presidente Roca a Moreno do mesmo ano, que também foi incluída no apêndice, sugere a mesma relação paralela: “Ya me imagino el recibimiento que le habrá hecho el Gefe [sic] de la línea militar del Río Negro al valiente Gefe [sic] de la exploración [sic] científica de la Patagonia.” (MORENO, 1997, p. 233). Trata-se de dois chefes cujas missões, paralelas, fazem parte de um projeto comum, sob a autoridade do mesmo líder, que se diverte ao imaginar o encontro entre ambos. A escrita nesses momentos vai propor um personagem que se acha também numa fronteira em relação aos seus sucessores. Se aqueles viajantes, cujo trajeto Moreno procura seguir, são Darwin, Musters, Fitzroy, quer dizer, exploradores e naturalistas, homens de ciência, os que vão seguir os seus passos serão, pelo contrário, militares: “Este fenómeno, que creí descubrir, lo han corroborado más tarde, el Coronel Obligado, el Teniente O’Connor

y mi compañero en la expedición del «Vigilante», el piloto Moisés” (MORENO, 1997, p. 210). O relato parece procurar abrir uma etapa nova, uma nova genealogia, mais prestigiada no marco do Estado moderno, o qual se consolidava através de uma campanha militar, e ao mesmo tempo adotava o próprio discurso militar como oficial.

Ao exprimir essas idéias, Moreno (embora na verdade seja a própria edição o que constrói essas relações, ao reunir os textos e provocar a leitura de um junto aos outros) que escreve alguns desses textos, já no século XX, adota esse tom quiçá procurando o reconhecimento do Estado, que o fundador do museu de La Plata considerava que lhe tivesse escapado. Talvez seja por isso que o discurso militar penetra em seus textos; a criação de uma atmosfera bélica é chave para pensar as formas nas quais os relatos de Moreno acompanham, complementam e legitimam o discurso do extermínio, que esses textos em outras ocasiões criticam com argumentos práticos: “¡Lástima que la patria haya perdido así a miles de sus hijos, útil elemento de trabajo, cuando se le ha sabido dirigir!” (MORENO, 1997, p. 122).⁸ Como tem sugerido Molloy (2005, p. 147, grifo da autora), “Moreno ve al indígena como potencial *sujeto* argentino. Sujeto menor, desde luego, [...] pero sujeto al fin, cuyo modo de vida merece estudio y a quien atribuye una agencia limitada y una subalternidad futura”.

A viagem, a guerra e a pátria aparecem nesses momentos do texto como um conjunto único, que se torna figurativamente inseparável do mesmo corpo do viajante: “Querían trepar por las rocas y salvar a pie. Me opuse; tenía sobre mí un enorme peso relativo: el tirador con 40 cartuchos, el revólver, la bandera, los diarios de viaje, el sebo y las tres cajas [...]” (MORENO, 1997, p. 208). Sugiro que a enumeração dos elementos e a ordem dela não sejam casuais, e que mostre simbolicamente essa identificação num nível simbólico. A viagem é concebida, assim, à serviço dos outros elementos representados aqui: se a proximidade entre viagem e pátria é sempre notável na retórica

⁸ Também no final de *Viaje a la Patagonia Austral* há uma afirmação similar. Moreno acha que quando os índios tehuelches “conozcan nuestra civilización antes que nuestros vicios y sean tratados como nuestros semejantes, los tendremos trabajando en las estancias de Gallegos, haciendo el mismo servicio que nuestros gauchos” (p. 469). No mundo imaginado pelo viajante, o indígena teria um trabalho (e um lugar, em termos de imaginário simbólico) fixo, subordinado e precário.

de Moreno, a menção das armas e as munições na citação mostra que tem acontecido, no meio da guerra, um certo deslocamento daquela frase que abria o primeiro livro de Moreno e o colocava à serviço da pátria e da ciência. Agora, a ciência parece ter sido afastada, só por um momento (embora de um jeito significativo), pela guerra (ou, como tenho sugerido, a própria idéia da pátria identificou-se com a de guerra). Na nota 1 da página 181, assinada (o que não é comum no livro) com as iniciais E.V.M. (correspondentes a Eduardo V. Moreno, o filho do autor), descreve-se o revólver de Francisco Moreno. Quiçá seja este o momento mais eloquente desde a perspectiva que adoto aqui:

[...] en el revólver que conservo, aunque muy poco legible y escrita con una aguja, aparecen su firma y los siguientes puntos de referencia: Las Flores, Azul, Roldán, Indio Rico, Bahía Blanca, Punta Alta, Nueva Roma, Salinas; río Colorado, Patagones, Bahía San Blas, Aguada de los Loros, Guardia General Mitre, Bajada de Balcheta, e Isla Choele Choel, Chichinal, Cheynal geyú, río Limay, Chaleun geyú, Choica geyú, Fuen geyú, Ranquil, Trimnao, Collón Curá, Caleufú, Nahuel Huapi, F.P. Moreno 1875, Chilchiuma, Quem quim Luen, Chimehuin, Octubre 4 – 80, Pilcan, Pungei Lien, Quelen geyú, Buenos Aires.

Poderia existir uma maneira mais perfeita de unir as experiências da violência e da viagem? Embora seja difícil imaginar como conseguiria alguém escrever essa lista tão longa de nomes num revólver, o trecho transcrito é sem dúvida muito rico. Sua leitura sugere que Moreno teria levado a arma consigo enquanto transitava pelas diferentes regiões, e teria desenhado o itinerário nela. O revólver torna-se então uma maneira de escrever a viagem: é, neste sentido, uma forma do diário de viagem, o lugar no qual o percurso é inscrito. E, à maneira do diário, o revólver conserva até a ligação dos lugares visitados com datas específicas. Constitui outra forma de narrar a viagem, de concebê-la, de registrá-la. O revólver pode ser lido como uma substituição (uma metonímia) do próprio Moreno: trata-se de marcas que permanecem na arma após a sua passagem por certas zonas. É a enumeração dos lugares que o

revólver tem percorrido. Numa narrativa que oscila entre a dificuldade de deixar qualquer rastro do Estado e a tentativa simultânea de recolher e conservar os “rastros” alheios, o emprego do revólver aqui funciona como uma forma de colecionismo: os espaços são possuídos através da escrita na superfície da arma de fogo.

Essa fica perto, através dessa operação, de outro elemento que dialoga com a viagem de Moreno: o mapa. O revólver é aqui a superfície na qual se desenha o percurso realizado e fixa-se (ao se nomear) o território, quando não há qualquer mapa prévio que possa guiar os viajantes. Naturalmente, isto é importante para alguém que é hoje conhecido na Argentina como o “Perito”, porque especializou-se no desenho de fronteiras políticas e que, muitos anos depois de ter deixado de viajar, parece ainda obsedado pela leitura do mapa quando ele existe, ou, no caso contrário, pela sua ausência. O mapeamento da região percorrida é para ele o passo essencial para conhecê-la e explorá-la economicamente; isto é, para apropriá-la. No presente da escrita, o narrador mostra-se desapontado porque o mapa da Patagônia ficou “vazio”: “Triste es decirlo, el mapa argentino, por lo que respecta a esa parte de nuestro territorio, está actualmente tan en blanco como cuando yo lo cruzara en 1879” (MORENO, 1997, p. 137).⁹ Nesses textos, onde as referências ao governo central argentino são ambíguas, atravessadas pela decepção, o desalento e a tentativa – simultânea - de penetrar definitivamente no imaginário patriótico promovido pelo Estado (a respeito, é bom lembrar o fato de que alguns dos textos recolhidos nas *Reminiscências* foram escritos em 1916, quando celebrava-se o aniversário da independência), o mapa é um dos lugares que afastam o viajante do Estado. O mapa é necessário na lógica de Moreno (e na do Estado) porque esse é o lugar onde a fronteira exterior (o limite com o Chile) apaga a ambigüidade da fronteira interior (no sentido de *frontier*, que foi discutido acima), onde a operação de apropriação obtém sua maior precisão, onde se faz definitiva. Isto é exatamente uma das coisas que

⁹ Ele já tinha dito, algumas páginas acima: “No conozco, y han transcurrido desde entonces treinta y cinco años, salvo pequeños itinerarios tan escasos que no han sido tomados en cuenta, mapa alguno de la región intermedia entre el Río Negro y el Chubut; no tengo la menor noticia de que se hayan practicado estudios verdaderamente geográficos”] (p. 132).

Deleuze e Guattari destacam na lógica do Estado moderno, o qual precisa estabelecer uma linha clara entre o adentro e o lado de fora para consolidar o seu poder:

[...] the State itself has always been in a relation with an outside and is inconceivable independent of that relationship. The law of the State is not the law of All or Nothing [...] but that of interior and exterior. The State is sovereignty. But sovereignty only reigns over what is capable of internalizing, of appropriating locally (DELEUZE; GUATTARI, 1987, p. 360).

No mapa é possível enxergar tudo (nesse sentido, o olhar daquele que mapeia é oposto ao do viajante, já que o olhar desse é sempre limitado): ali, paradoxalmente, o movimento é controlado, enquanto na fronteira interna havia uma importante fluência que fazia do trânsito – físico, mas também simbólico e identitário – um elemento essencial de si própria. O desenho do mapa é uma maneira de fixar o território, é uma expressão do definitivo. A oscilação e o instável, onipresentes na vida da *frontier*, devem ser anulados, e neste sentido o mapa e a guerra dão-se a mão. Para Moreno, o primeiro devia ser uma consequência da segunda que ainda não tinha chegado.

Conclusão: viagem e violência fundacional

Tentei discutir, brevemente, alguns problemas que percorrem textos quase desconhecidos de Francisco Pascasio Moreno, e assim estabelecer um diálogo interessante com o livro *Viaje a la Patagonia Austral*. Nos textos recolhidos nas *Reminiscências*, como tentei expor aqui, o olhar do viajante sobre o território e os indígenas, a relação com o Estado, a presença do museu e da obsessão com o colecionismo adotam articulações novas. Sobretudo é possível perceber uma relação interessante (e decerto mais direta e inquietadora) com a guerra de extermínio que o Estado organizava sistematicamente enquanto Moreno viajava. É interessante também pensar nas formas nas quais o Estado

tenta impor, nas palavras de Deleuze e Guattari (1987, p. 361) “the stable, the eternal, the identical, the constant”, enquanto suprime aquilo que se acha perto do que esses filósofos discutem como o nómade, caracterizado pelo que eles chamam “becoming and heterogeneity”. A necessidade do mapa e a própria guerra têm a ver com essa tentativa de supressão que tenta estabelecer “civil and metric rules that strictly limit, control, localize” (DELEUZE & GUATTARI, 1987, p. 363) (nesse mesmo sentido, a análise de Scott à qual nos referimos acima, e especialmente pertinente). O paradoxo encontra-se, naturalmente, no fato de que o viajante que é, por excelência, aquele que se desloca através do território, tenta fixar e suprimir no seu olhar o deslocamento de tudo aquilo que não é ele.

Nestas páginas tentei desenhar alguns problemas que foram recorrentes na Argentina dos últimos anos do século XIX, mas que acho que podem dialogar com outros processos que se deram em outros países da América Latina, como o Brasil, nos quais a consolidação do Estado-nação teve a ver com episódios de violência ou guerra genocida diretamente ligados à possessão do território e à idéia do Estado como um território uniforme no qual o poder central deve chegar até os lugares mais afastados desse centro (penso agora, concretamente, na Guerra de Canudos).

É a “violência da fundação” o eixo desta análise, e o meu propósito tem sido o de propor alguns elementos, processos ou operações que poderiam -sugiro- estabelecer um diálogo trans-nacional na América Latina. Também na Argentina e no Uruguai existiu uma sucessão de guerras civis durante a maior parte do século, nos anos anteriores à consolidação do aparato institucional do Estado. E no caso do Paraguai, a Guerra da Tripla Aliança (mais conhecida no Brasil como Guerra do Paraguai) foi também um evento de “genocídio inaugural”, bem que essa fosse ao mesmo tempo o final definitivo de um processo político, econômico e social *sui generis* na América do Sul. Essa guerra foi a que fundou o Paraguai que veio depois (e que é basicamente o mesmo de hoje), e o converteu num país pré-moderno que tentou entrar -parcial e

incompletamente- numa modernidade homogênea e imposta pelos países centrais. Sugiro aqui, então, algumas pontes para continuar pensando os conflitos vinculados aos processos de formação de nossos Estados de maneira dialógica. A consciência da proximidade histórica pode nos ajudar a ficar mais perto, também, do marco de outros processos de integração (e, sobretudo, de construção pacífica) mais contemporâneos que parecem às vezes impossíveis de se consolidar.

Referências Bibliográficas

ANDERMANN, Jens. *Mapas de poder*. Una arqueología literaria del espacio argentino. Rosario: Beatriz Viterbo, 2000.

AVELLANEDA, Nicolás. Carta-prólogo a *Actualidad Financiera de la República Argentina*, de Álvaro Barros. In: HALPERIN DONGHI, Tulio (Ed.). *Proyecto y construcción de una nación (1846-1880)*. Buenos Aires: Ariel/Espasa-Calpe, 1995. p. 499-501.

CHASTEEN, John Charles. Introduction: Beyond Imagined Communities. In: CASTRO-KLARÉN, Sara; CHASTEEN, John Charles (Ed.). *Beyond Imagined Communities*. Reading and Writing the Nation in Nineteenth-Century Latin America. Washington D.C., Baltimore and London: Woodrow Wilson Center Press/ Johns Hopkins UP, 2003. p. ix-xxv.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *A Thousand Plateaus*. Capitalism and Schizophrenia. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 1987.

DUNCAN BARETTA, Silvio R.; MARKOFF, John. Civilization and Barbarism: Cattle Frontiers in Latin America. In: CORONIL, Fernando; SKURSKI, Julie (Ed.). *States of Violence*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2006. p. 33-80.

FERNÁNDEZ BRAVO, Álvaro. *Literatura y frontera*. Procesos de territorialización en las culturas argentina y chilena del siglo XIX. Buenos Aires: Sudamericana/ Universidad de San Andrés, 1999.

HALPERÍN DONGHI, Tulio. Una nación para el desierto argentino. In: _____. (Ed.). *Proyecto y construcción de una nación (1846-1880)*. Buenos Aires: Ariel/ Espasa Calpe, 1995. p. 7-107.

MOLLOY, Sylvia. De exhibiciones y despojos: reflexiones sobre el patrimonio nacional a principios del siglo XX. In: MORAÑA, Mabel; OLIVERA-WILLIAMS, María Rosa (Ed.). *El salto de Minerva. Intelectuales, género y Estado en América Latina*. Madrid y Frankfurt am Maim: Iberoamericana/ Vervuert, 2005. p. 143-155.

MORENO, Francisco P. *Reminiscencias del Perito Moreno*. Versión propia. Recopilada por Eduardo V. Moreno. Buenos Aires: El Elefante Blanco, 1997.

_____. *Viaje a la Patagonia austral*. Buenos Aires: El Elefante Blanco, 2003.

SCOTT, James C. *Seeing Like a State. How Certain Schemes to Improve the Human Condition Have Failed*. New Haven and London: Yale University Press, 1998.

Recebido em 25 de agosto de 2009

Aprovado para publicação em 15 de setembro de 2009